

A teoria dos discursos em Lacan

Acredito que, talvez, o jeito mais interessante de começarmos nossa conversa, seja colocar-lhes que compreendo o discurso analítico como uma forma de resistência ao desmantelamento do sujeito, tal como o concebemos a partir de Lacan. Nos dias atuais, defrontamo-nos com o desafio de mantermos nossa posição de analistas diante de uma sociedade marcada pela subserviência a um discurso que comporta a ideia de acessibilidade a um objeto, supostamente capaz de nos redimir de todos os males e de, portanto, obturar qualquer falta, preencher qualquer vazio, ainda que, em realidade, só faça ressaltá-los.

Vivemos num tempo que precisa desaparecer para a dor ou para a tristeza que sentimos, pois são contraproducentes para o que demanda de nós o campo social. Precisamos também fazer desaparecer a ausência de potência que nos surpreende, mesmo que, com frequência razoável, ela se deva a nossa falta de sentido libidinal diante do parceiro que nem escolhemos e que nem nos escolheu, pois o que nos move é a compulsão por encontros que não traduzem envolvimento.

É nesse nicho de mercado que o biopoder, como o nomeou Foucault, fez seu ninho e construiu seu inabalável império oferecendo suas pílulas de alegria e de eterna ereção para corpos cada vez mais desabitados por sujeitos.

O tempo de esperar, de adiar e transformar com paciência também tem que desaparecer a qualquer custo, nem que para isso tenhamos que vender nossa alma ao maquinário cibernético que conduzirá nosso destino no frenesi do instantâneo, do inadiável e do excesso.

Para alguns, talvez lhes pareça que optei por começar pelo poderia servir como uma conclusão, talvez seja exatamente isso! Nesse tempo lógico de concluir pervertendo o começo, acho que pretendi construir um espaço confortável para estarmos juntos cogitando sobre alguns elementos teóricos mais exigentes na sequência do tema sobre o qual conversaremos.

No dia 13 de outubro de 1972, em Louvain, Belgica, durante uma conferência que, segundo a École Freudienne de Paris, teve por título: “A morte é do domínio da fé”,

Lacan afirmou que o ser é uma condição essencialmente ligada à linguagem. Só há ser falante (fala-ser). A tudo o que resta poderíamos chamar ente.

Gostaria aqui, num breve parêntese, de fazer um pequeno comentário sobre alguns conceitos utilizados por Lacan. Todos nós, que nos interessamos por seu ensino, sabemos de seu pendor a se apropriar de ideias dos autores que visita, para dialogar com elas transformando-as e, às vezes, subvertendo-as. Foi assim, por exemplo, com o signo saussuriano, trazendo o significante para o lugar de primazia e esvaziando-o de qualquer sentido isolado em si mesmo, afirmou: um significante sozinho não significa nada.

Passou também por Hegel e sua Fenomenologia do Espírito para extrair dessa obra uma definição de desejo que lhe fez pleno sentido: desejo é desejo de desejo, já que não há objeto natural para o desejo humano, apenas objetos recortados pela linguagem, máscaras. Vale ressaltar também todo suporte que obteve de Hegel para a construção do discurso do mestre a partir da dialética do senhor e do escravo. Mas, como adverti antes, ao intervir no pensamento de Hegel, ele extrai a dialética do senhor e do escravo do circuito de sua sideração imaginária intransponível, referindo-a ao registro do simbólico com seu poder de limite e mediação. Retira também do texto hegeliano qualquer pretensão à plenitude da consciência e sua suposta potência para alcançar um conhecimento que possa ser descrito como pleno ou totalizado. Faz imiscuir-se ali o fundamento da negatividade que dá suporte ao desejo e que nos humaniza exatamente por aquilo que, por condição da própria estrutura da linguagem, instala-nos no campo da falta-a-ser.

Parece-me ainda que algo disso se apresenta também na tomada de posição de Lacan quanto à definição de ser e ente, já que em Heidegger, na obra *Ser e Tempo*, onde ele procura através da ontologia diferenciar ser e ente, podemos notar que o autor assume a posição de que o ser precede o ente. Penso que, a partir daí, Lacan nos diria que somente da posição do ser pode ser nomeado o que se define como ente. Mas essa leitura, feita por mim, talvez possa ser contradita por alguém que tenha, de fato, profundidade na compreensão do texto de Heidegger.

Feitos esses comentários que buscavam apenas o alcance de serem ilustrativos, retomo nosso objetivo principal afirmando que, ao ser falante, resta fazer laço social; e, às formas de laços possíveis, Lacan as designou: Discursos. Com a proposição dos discursos, pela primeira vez em psicanálise surge uma teoria do laço social que, no final

das contas, tenta sempre lidar com um impossível (Real). Lembrando que a questão dos impossíveis está presente em psicanálise desde Freud, quando nos afirma que é impossível, educar, governar, tendo ele retirado esses dois termos do impossível de Rainer para acrescentar, por sua vez, o analisar. Lacan aportaria um quarto termo ao impossível, o fazer desejar.

Cada uma dessas condições de impossibilidade se refere ao real como impossível lógico, assim como Lacan o define no seminário “O avesso da psicanálise”: “O real não é um “simples obstáculo contra o qual batemos a cabeça, mas um obstáculo lógico imanente ao simbólico, ou seja, aquilo que se enuncia como impossível. É daí que o real surge”. (p.143)

Notem que a ideia de que surge, coloca-nos a importante questão de que, portanto, o real não estava lá, desde sempre pronto e delimitado, mas que surge como resultante de um recorte do simbólico. Na verdade, em Lacan, só poderemos compreender a formulação do real como ligado numa linha lógica de consequência com o simbólico e o imaginário.

Na sequência lhes apresento uma primeira definição de Lacan sobre discurso: “Chamo de discurso a isto que, na linguagem se fixa, se cristaliza, que usa recursos da linguagem que, evidentemente, são mais amplos, para que o laço social entre seres falantes funcione.” (Site: Lancantera freudiana: Conferência de Louvain, página 5). Cabe assinalar ainda que todo Discurso, como laço social, tem que dar conta de lidar com uma perda, com uma renúncia de gozo, restando, por isso, um vazio a ser preenchido.

Já antes disso, no livro 17 do Seminário (69/70) “O avesso da psicanálise”, Lacan nos havia apresentado outra instigante definição de discurso:

“Ocorreu-me com muita insistência no ano passado (Seminário 16 (68/69) - “De um Outro ao outro” – versão oficial de J.A.M.), distinguir o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, ‘é um discurso sem palavras’.

É que sem palavras, na verdade, ele pode muito bem subsistir. Subsiste em certas relações fundamentais. Estas, literalmente, não poderiam se manter sem a linguagem. Mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis,

no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas. Não há necessidade destas para que nossa conduta, nossos atos, eventualmente, se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais.” (p. 11)

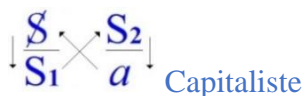
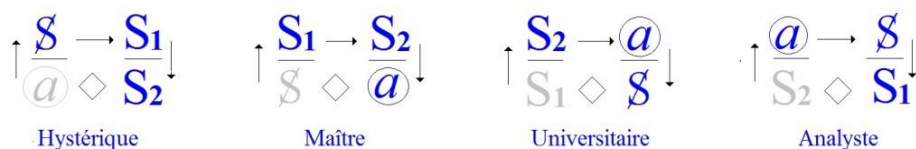
Para explorarmos mais a questão, lembremos que todo discurso tem um lugar dominante que o nomeia; este, para Lacan, é o lugar do agente. Sempre que há discurso nos interrogamos pela verdade, e o discurso se dirige ao lugar do outro para fazê-lo produzir algo. Eis, portanto, como se configura essa estrutura discursiva para Lacan:

agente (semblante/poder) → outro (Outro, trabalho ou gozo)

verdade (busca) // produção (perda ou mais-de-gozar)

Nessa estrutura, que se modifica por uma rotação de um quarto de volta, seja no sentido horário ou no sentido anti-horário, Lacan irá inscrever, a partir de seus elementos algébricos fundamentais (\$, S1, S2 e a), os seus quatro discursos: o do mestre, o universitário, o da histérica, e o analítico. E, por fim, o quinto, o discurso do capitalista, que se apresenta, de fato, como uma variação do discurso do mestre, partindo de uma inversão de posições do lado esquerdo deste matema.

Vejamos, a seguir, como Lacan apresenta o esquema de cada um dos discursos:



Detenhamo-nos um pouco no discurso do mestre que, como Lacan afirmou, por razões históricas tinha que ser o primeiro, aquele a partir do qual os demais podem ser deduzidos. Não por acaso, esse discurso tem presente, na posição do agente e do outro, os elementos algébricos que definem a própria estrutura do inconsciente, $S_1 \rightarrow S_2$. Resta ainda, na posição da verdade, o \$, que surge como tal por conta da própria estrutura da linguagem que cria a condição de um significante poder representar um sujeito para outro significante. E, finalmente, no lugar da produção aparece o objeto a (na função de mais

de gozar), o que, em conjunto com o lado inferior direito, portanto abaixo da barra, permite-nos observar o que Lacan definiu como o matema da fantasia ($\$ \diamond a$).

Como citei acima, cada discurso tem na sua estrutura a relação com um certo impossível que podemos localizar no campo da enunciação. No caso do discurso do mestre, trata-se do fato de que é impossível governar o real, algo, inevitavelmente, sempre escapa.

Observem que a partir de uma rotação no sentido anti-horário, obteremos o esquema do discurso que Lacan chamou de discurso Universitário. O discurso Universitário, tem na posição de agente o S2 que corresponde a todo o saber (Instituições), saber que foi usurpado ao escravo que, de fato, sabia fazer. No lugar do outro está o objeto gozante que se supõe ser alcançável (por exemplo: os títulos que buscamos). No lugar da produção ou da perda está o sujeito barrado, sujeito que padece de um sintoma ($\$$), impotente para saber toda a verdade, mas, como estudante, poderá ser formado ou formatado e também desfrutar. E, finalmente, no lugar da verdade está o S1 como imperativo inconsciente para buscar o saber, mas escondida está a verdade de que esse saber pertence ao Senhor (Capital estrangeiro, por exemplo, Laureate: FMU, UAM, Universidade de Salvador, etc...). Podemos perceber que se operou aqui um quarto de volta regressivo com relação à posição do discurso do mestre.

Fazendo o discurso do mestre girar um quarto de volta no sentido progressivo, no sentido horário, Lacan faz surgir o discurso da histérica que traz na posição de agente o $\$$ encarnado no próprio sintoma histérico que fará trabalhar ao mestre S1 para que este produza o saber sobre o sujeito, mas, será afinal um saber que não implica o sujeito e sua verdade sobre a castração. Na posição da verdade está o a como revelador do gozo inconsciente da histeria onde não deixam de estar presentes os efeitos de culpa e sofrimento.

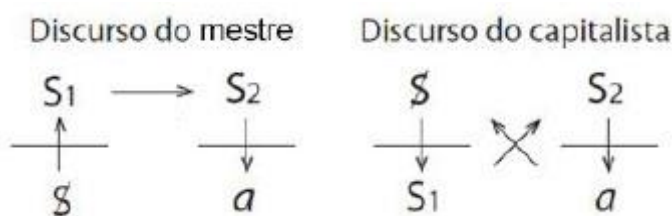
Diferentemente do mestre que quer apenas que o escravo faça as coisas funcionarem não importando saber como, a histérica está fascinada, exatamente, pela possibilidade de vir a saber como as coisas funcionam, especialmente, como funcionam as coisas para uma mulher. O que é a mulher? Para Lacan, o discurso da histérica é o próprio inconsciente em exercício é, para ele, o que transforma um paciente em um analisando, ou seja, seria o movimento lógico que definiria a entrada em análise.

Com mais um quarto de volta no sentido progressivo teremos o discurso do analista. Na posição de agente o analista como objeto a , como semblante, posição daquele que suporta a transferência do outro ($\$$) para extrair dele os significantes mestres que marcam sua história de sujeito e , a partir daí, buscar desaliená-lo. Finalmente, na posição da verdade está o S_2 , que representa o saber fazer do analista. A função do discurso analítico é levar o saber ao lugar da verdade, verdade que em último caso é sempre a da castração. O analista deseja afinal que o analisando deseje.

O discurso do capitalista aparece como uma pequena alusão já no final do Seminário XVII, “O avesso da psicanálise” (1969/70), mas foi mais bem detalhado e formalizado na conferência apresentada em de 12 maio de 1972, intitulada “Do discurso psicanalítico”, apresentada na cidade de Milão, Itália.

Se o discurso, para Lacan, era tido como uma forma de laço social, com o Discurso do Capitalista veremos o efeito oposto, que seria, não o de produzir laço, mas, pelo contrário, poderíamos dizer que ele o dissolve como tal. Esse discurso, como já referido, é uma modificação do discurso do mestre (senhor da castração), e promove o engodo de prometer a satisfação do desejo substituindo o objeto a , como causa de desejo, por uma forma de embuste qualquer que se poderia consumir para obturar a falta, na forma de um bem de consumo, um remédio, as drogas em geral, etc. Teríamos então, não mais o Mestre como articulador da castração, mas o mestre moderno como promotor de um efeito de forclusão da castração, ocupando uma posição de um Mestre de gozo.

A representação desse discurso nos mostra, cabe reforçar, uma inversão do lado esquerdo do matema, passando $\$$ para o lugar do agente, semblante ou poder dirigindo-se ao lugar do outro, ocupado por S_2 para que se produza o objeto a , no seu viés de fetiche obturador da falta. E, por fim, para baixo da barra, do lado esquerdo, deslocou-se o S_1 , na posição da verdade a ser interrogada.



Essa aderência do sujeito a esse objeto tomado como existente, mais que aliená-lo, acaba por destituí-lo como tal. Torna-o um inexistente, que nada tem a dizer sobre si mesmo e que, portanto, não pode revelar de si nenhuma verdade. Torna-o, com requintes de verdadeira expropriação, um agente de mero consumo para a desenfreada voracidade do capitalismo e, se por acaso, ele não puder consumir com a avidez esperada, sentir-se-á despojado de todo valor e sentido, sendo lançado a um irremediável sentimento de fracasso e exclusão. A única possibilidade que pareceria sobrar para que nos sentíssemos integrados e reconhecidos no tecido social, nestas circunstâncias, seria a de produzir um movimento identificatório a partir do qual nos traduziríamos por: “consumo, logo existo”.

Ainda que de forma breve e, talvez, superficial, não poderíamos deixar de considerar que esse fator de alijamento e inadequação, determinado pela exclusão que o não poder consumir decreta, possa ser considerado como um dos fatores responsáveis pelo aumento desenfreado da violência em nosso cotidiano. Não raro, somos defrontados com o horror desse efeito de banalização do valor da vida humana quando, por exemplo, vemos noticiada a morte de um jovem, mesmo depois deste ter entregado pacificamente o tênis que lhe requisitava o assaltante. Rouba-se mais que o tênis, rouba-se do outro a potência de consumir que me agride pela realização de minha exclusão absoluta.

Lacan, mesmo antes de formalizar o discurso do capitalista, fez um interessante comentário sobre o capitalismo no Seminário 16 (“De um Outro a outro”, de 1969), afirmando, com a ironia habitual, o seguinte: “não que eu diga que o capitalismo não serve para nada (...) São as coisas que ele faz que não servem para nada”.

Com certeza, já naquela época, Lacan, com sua capacidade de análise crítica, vislumbrava com clareza onde estávamos nos metendo. Observem que ele não chegou a viver o suficiente para ver o celular se transformar num objeto sugador de almas, às vezes, com efeitos devastadoramente idiotizantes. Só para ilustrar o que estou dizendo, segundo a Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet), 150 pessoas morrem por dia no Brasil, 54 mil pessoas por ano, em acidentes causados pelo uso do celular ao volante, estatística só derrotável em dimensão de catástrofe para os fatores: excesso de velocidade e embriaguez ao volante como causas de mortes no trânsito.

Continuando no anseio de promover algumas ilustrações da volúpia capitalista que nos assola, poderíamos também acrescentar a nossa relação com o meio ambiente e destacar o inegável fato de que os restos de nosso consumo estão transformando o planeta

numa lata de lixo. Tenho certeza de que todos aqui já viram, por exemplo, as ilhas plásticas que estão reconfigurando nossos rios, oceanos e praias. Vejam, como mais um exemplo, a ironia que a cena pós do Rock in Rio fez revelar, ou seja, mais de 30 toneladas de lixo depois do show onde se bradou a todo pulmão que se salvasse a Amazônia.

Também temos testemunhado, no campo do biopoder, a irresponsável medicalização da infância, especialmente com a famigerada droga produtora de bom comportamento e adequação. Produzida, distribuída e receitada em abundância por aqueles que acreditam que tudo pode ser objetivado a partir de mecanismos bioquímicos que tornam descartável o sujeito.

Quando me referi ao discurso analítico como uma forma de resistência à desenfreada busca da felicidade plena, prometida pelo discurso do capitalista, foi porque não é preciso muito esforço para perceber que o que nós psicanalistas vendemos neste mercado de consumo não é, em si, muito cativante. É, normalmente, depois de muito fracasso e sofrimento que o recurso ao analista aparece como opção no menu de ofertas terapêuticas da atualidade. Só depois de colocar uma prótese no pênis um rapaz de vinte e três anos resolveu ceder ao argumento do médico criterioso que o atendia e, que já lhe havia dito que não havia nada que a medicina pudesse lhe oferecer, e que ele precisava buscar um analista para saber o que sua impotência poderia ter a revelar sobre ele.

Lacan nos apresenta a estrutura do discurso do analista como tendo na posição do agente o objeto a, ou seja, o analista como causa de desejo para aquele que está no lugar do outro (\$) nessa estrutura discursiva. Demanda-se a esse outro uma produção que só faz revelar a impossibilidade de um gozo pleno, tornando claro ao sujeito sua eterna divisão entre prazer e gozo. A produção (S1), em sua relação impotente com a verdade (S2), será sempre não-toda. A potência do discurso do analista frente ao discurso capitalista estaria respaldada, exatamente, pelo fato de que esta estrutura discursiva se organiza a partir da posição do agente como estando ocupada por esse objeto não dialetizável, não especularizável em sua dimensão de objeto real. Lacan, no Seminário 10 (62/63), sobre A angústia aproximou-o, por isso mesmo, à estrutura topológica da banda de Möebius, como estrutura possível. É, portanto, a partir desse objeto real, que o analista fará entrar em cena a ética do desejo, que, no melhor dos casos, com sua marca da falta, fará surgir uma trinca no monolítico discurso do capitalista destituindo ou, mais realisticamente falando, reduzindo a potência do objeto obturante.

Discurso do analista

$$\frac{a}{S_2} \longrightarrow \frac{\cancel{S}}{S_1} //$$

Gostaria, para encerrar, de resgatar uma dessas contundentes falas de Lacan a respeito de nosso ofício e do que se deve esperar que um analista esteja disposto a integrar para levá-lo adiante. Essa citação está no seminário 3 (55/56), “As Psicoses”:

“Ser psicanalista é simplesmente abrir os olhos para essa evidência de que não há nada mais desbaratado que a realidade humana. Se vocês creem ter um eu bem adaptado, razoável, que sabe navegar, reconhecer o que tem que ser feito e o que não tem que ser feito, levar em conta as realidades, não resta senão mandá-los para longe daqui. A psicanálise, nisso se juntando à experiência comum, mostra-lhes que não há nada mais estúpido que um destino humano, ou seja, que sempre se é passado para trás. Mesmo quando se faz alguma coisa que dá certo, não é justamente o que se queria.” (p.99)

Vejam vocês que, mesmo sem colocar aí nenhum matema, ou qualquer outra sofisticação conceitual, dessas que nos alcançam no cotidiano de nossa experiência, ele nos remete ao inevitável de nossa existência como seres desejantes, quanto mais não seja, quando somos esses atormentados que sustentam o desejo de ser analistas.

Referências:

Jacques Alan Miller – O Seminário (Tradução oficial).

L’École lacanienne de psychanalyse - www.ecole-lacanianne.net

Pas tout Lacan.

Site Lacantera Freudiana – Tradução de Ricardo E. Rodríguez Ponte. Trabalho que consiste numa compilação crítica de diversas fontes distintas de registro da fala de Lacan no Seminário.

Staferla - en <http://staferla.free.fr/>